

Evidências de práticas colonizadoras em *A árvore que chora*, de Vicki Baum

Colonizing practices evidences in *The weeping wood*, by Vicki Baum

Larissa Gotti Pissinatti

Mara Genecy Centeno Nongueira

Sonia Maria Gomes Sampaio

Universidade Federal de Rondônia

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as evidências de colonização no romance *A árvore que chora: o romance da borracha*, de Vicki Baum (2022). A obra tem como elemento central a borracha, movimentando o espaço, o tempo e as personagens no decorrer da narrativa, apresentando a colonização no processo de exploração da borracha na Amazônia. A metodologia se pauta na abordagem crítica dos estudos pós-coloniais e nos estudos da literatura amazônica, com suporte teórico em autores como Albert Memmi, Frantz Fanon, Edward Said, Neide Gondim, dentre outros. Os resultados apontam que a obra analisada evidencia elementos da colonização, expressos na opressão, exploração e relações de poder presentes nos seringais. A borracha é representada como elemento dialético que movimenta toda a narrativa e, dada sua posição central no enredo - e em sua ambiguidade (vida/morte; sonho/desgraça; vítima/vilão) - apresenta as relações de poder no contexto da narrativa. A dialética manifestada no elemento borracha também está presente no processo de colonização, tornando o colonizado um ser de carência e dependência do colonizador, ao mesmo tempo em que deseja sair da condição de dominado e explorado. O romance evidencia o processo de colonização nos seringais, autorizando, por via do processo de inferiorização e negação do outro, a exploração e a desumanização impostas pela cultura dominante, justificando a opressão e a violência. Essas evidências demonstram que a literatura é uma importante ferramenta para se perceber as relações de poder existentes no processo de colonização da/na Amazônia.

Palavras-chave: A árvore que chora; Colonização; Estudos pós-coloniais; Amazônia.

Abstract: This paper aims to analyze the colonization evidences in the novel *The weeping wood*, by Vicki Baum (2022). Rubber is the central element, moving space, time and characters throughout the narrative, presenting colonization in the process of rubber exploitation in the Amazon. The methodology is based on a postcolonial studies critical approach about the Amazonian literature, with theoretical support from authors such as Albert Memmi, Frantz Fanon, Edward Said, Neide Gondim, among others. The results indicate that the analyzed novel shows colonization elements, expressed in oppression, exploitation and power relations present in the rubber plantations. Rubber is represented as a dialectical element, moving the entire narrative and, given its central position in the plot - and in its ambiguity (life/death; dream/misfortune; victim/villain) - it presents the power relations inside the narrative context. The dialectic manifested in the rubber element is also present in the colonization process, making the colonized as lacking and dependent on the colonizer, while, at the same time, wants to leave his status as dominated and exploited. The novel highlights the colonization process in the rubber plantations, authorizing, through the inferiorization and denial of the other, the exploitation and dehumanization imposed by the dominant culture, justifying oppression and violence. These evidences demonstrate that literature is an important tool for perceiving the existing power relations of/in the Amazon colonization process

Keywords: *The weeping wood*; Colonization; Postcolonial Studies; Amazon.

Recebido em 29 de julho de 2023

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

Considerações iniciais

A Amazônia não foi descoberta ou construída: foi inventada pelo europeu (GONDIM, 2019). Por invenção, a citada autora compreende o processo historiográfico construído por meio dos relatos de viagens, cartas e documentos elaborados por missionários, viajantes, comerciantes e exploradores que atracaram nessas terras. O imaginário constrói narrativas e discursos, os quais são representados na literatura através de uma determinada visão de Amazônia.

A partir de um núcleo cósmico cristão, os colonizadores engendraram uma filosofia marcada pelo método científico e pela razão, em um contexto social marcado pelo mercantilismo e capitalismo. O ‘fantástico e onírico mundo amazônico’ - como foi por muito tempo constituído pelos colonizadores, através dos relatos de viagem - apresentou a Amazônia como diferente, exótica, selvagem, perigosa e monstruosa. Segundo Gondim (2019), esse processo constrói uma Amazônia versada num “mistério inventado pelo europeu” (GONDIM, 2019, p. 164).

A ideia do exótico, do selvagem, do monstruoso, demonstra a não vontade do europeu em reconhecer as diferenças culturais existentes entre ele e o nativo, posto que seu desejo era continuar a narrativa de manutenção da Europa como centro e detentora da história e o ‘novo mundo’ como um lugar a-histórico e carente de processos civilizatórios (DUSSEL, 1993). Segundo Pratt (1999), essa atitude imperialista legitimou a política e as estratégias opressoras de conquista das Américas, silenciando o outro.

A obra *A árvore que chora: o romance da borracha*, de Vicki Baum (2022), expressa a perspectiva de uma Amazônia inventada. No início de cada capítulo, a autora apresenta trechos de relatos e/ou documentos do período da colonização; a borracha, por exemplo, é apresentada como um elemento dialético, que encanta e desola os que com ela convivem. Nessa dialética, as relações de poder são escancaradas, movimentando o enredo.

A dialética é um elemento presente no processo de colonização e, conforme Memmi (2021), na relação colonizado/colonizador. O colonialismo engendra relações de poder, permitindo ao colonizado autorizar a exploração e a desumanização impostas pela cultura dominante, justificando, assim, a opressão e a violência. Dessa forma, o colonizado se torna um ser de carência.

A escassez é parte do processo de colonização e o trabalho se constitui como categoria, legitimando a exploração. Conforme Memmi (2021), o outro é compreendido como infantil, preguiçoso e, com isso, o colonizador despersonaliza e aniquila a língua, a identidade e até a memória do outro “é um delírio destruidor do outro” (MEMMI, 2021, p. 125), usurpando e lucrando, a partir de um processo maior de distanciamento em relação ao outro.

Nessa perspectiva, intentamos, neste artigo, analisar as evidências de colonização na obra *A árvore que chora: o romance da borracha* (BAUM, 2022). O romance segue as fases cronológicas de exploração da borracha; no entanto, os capítulos não apresentam sincronia em relação às personagens: cada capítulo apresenta um enredo específico, sendo a borracha o elemento central.

Para socializar os resultados deste estudo, organizamos o presente texto em dois momentos: primeiramente, tratamos do contexto histórico-cultural apresentado no capítulo analisado, sob o viés dos estudos pós-coloniais; Em seguida, analisamos as evidências de colonização identificadas em algumas personagens, dentre as quais destacamos o Pe. Manoel e Hansam.

1 Nas lágrimas da seringa, as mãos cruéis do colonizador na Amazônia

Vicki Baum (1888-1960) nasceu em Viena, na Áustria, e faleceu em Hollywood, nos Estados Unidos. Cresceu em uma família em que a leitura estava presente e dizia que, em razão disso, a leitura, em seu lar, era um ‘vício secreto’. Foi jornalista até 1919, quando passou a escrever e publicar romances; também foi repórter e roteirista de novelas e filmes.

Hanlin (2010) argumenta que, ao traduzir as obras de Vicki Baum, elas foram categorizadas na Europa como "escrita trivial (*trivial literatur*)". Isso implica que, apesar das traduções, Baum não era reconhecida internacionalmente como uma escritora canônica na literatura alemã, uma vez que sua escrita era considerada abaixo do padrão alemão. Entre os estudiosos contemporâneos, essa perspectiva foi alterada, haja vista que, atualmente, Baum é tida como uma personalidade do romance alemão. Entre os romances que lhe empreenderam sucesso está a obra *O grande hotel*. Frequentemente, suas obras apresentavam mulheres protagonistas, empoderadas, independentes, vivendo em tempos de conflitos e incertezas, operando, na época, uma nova forma de ficcionalizar o ser feminino na literatura dominante da Europa.

Em 1946, depois da tradução de *O grande hotel* para vários países, Baum lançou *A árvore que chora* (*The weeping wood*), traduzida para a língua portuguesa por Othon M. Garcia, publicada no Brasil, no mesmo ano, pela editora Globo. Esgotada, a obra foi relançada em 2022, pela editora Valer.

A introdução do livro, em sua edição de 1946, expunha que o romance foi inspirado nas visitas de Vicki Buam aos seringais de Malaia, Java, Sumatra e Indochina Francesa, nos anos de 1935-1936. Na obra, a autora apresenta figuras históricas, como, por exemplo, Charles Goodyear, em situações fictícias.

O estado da arte para nosso estudo foi realizada a partir dos descritores: Vicki Baum e *A árvore que chora*; dentre os trabalhos encontrados, apenas dois estão relacionados a nossa pesquisa: a tese de doutorado de Sérgio Bandeira Karam, intitulada *Traduzir o Brasil, a Argentina e o mundo: coleções de literatura estrangeira nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e nas duas primeiras décadas do século XXI*, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2021; o artigo de autoria de Todd C. Hanlin (University of Arkansas, USA), em língua inglesa, publicado em 2010, intitulado *The transmission of Austrian Literature to America during the 1930s: Bestsellers by Vicki Baum, Franz Werfel, and Stefan Zweig in English translation*. Vale salientar que esses trabalhos não exploram a obra por nós enfocada, mas sim aspectos tradutórios relacionados a obras da autora.

No livro *A invenção da Amazônia*, Neide Gondim (2019) apresenta algumas reflexões sobre *A árvore que chora*, enfatizando, no contexto histórico-cultural apresentado no romance, a perspectiva europeia da Amazônia, tratada como um local insólito, povoado por canibais, selvagens, reproduzindo a perspectiva dos viajantes e exploradores dessas terras. Nesse contexto, podemos considerar que, no romance em tela, encontramos a visão de alguém de fora da vivência da região Amazônica.

Vicki Baum ficcionaliza o ambiente Amazônico trazendo a borracha como elemento central da narrativa a partir dos discursos e narrativas com as quais teve contato na época. O período em que o romance foi escrito coincide com o da extração da borracha no contexto político-econômico da segunda guerra mundial (1941 a 1945). Contudo, antes disso, a Amazônia viveu o primeiro ciclo da borracha (1870 a 1910); nesse primeiro momento, a região não tinha mão de obra suficiente e, por isso, foi preciso financiar a imigração de trabalhadores. Segundo Souza (2019), o comércio e o transporte da matéria-prima aconteciam pelo rio, em canoas, principalmente pelos povos indígenas: “[...] Era

um comércio limitado, que atendia apenas os grupos tribais e os povoados organizados em torno das missões, numa região que nenhum homem de posses escolheria para viver e fazer investimentos (SOUZA, 2019, p. 237).

A Amazônia não tinha atrativos para os colonizadores, salvo a matéria-prima aqui existente, alvo constante de exploração; por isso, “[...] os países tentaram uma colonização forçada, usando presidiários, soldados indisciplinados, mestiços, mulatos e negros, estes últimos considerados aptos a suportar as inclemências de uma terra supostamente imprópria para pessoas civilizadas” (SOUZA, 2019, p. 237). Com isso, queremos enfatizar a visão do colonizador em relação à Amazônia como um lugar insólito, da ausência de desenvolvimento e povos civilizados, gerando uma imagem do Outro como inferior, incapaz e selvagem. Essa noção fora apontada por Said (2007), em sua obra *Orientalismo*, ao afirmar que o Ocidente engendrou epistemes que estereotipam, inferiorizam e desfiguram o diferente, contribuindo no processo de dominação e exploração de povos que não estavam no padrão europeu.

A *árvore que chora* apresenta dois contextos de exploração da borracha: o primeiro ciclo, com a chegada dos colonizadores europeus nas terras amazônicas, é observado nos dez primeiros capítulos; o segundo ciclo é ficcionalizado nos quatro últimos capítulos. Observamos que, apesar de ter sido publicado no segundo ciclo da borracha, o romance traz elementos que nos remetem à chegada do colonizador nas terras amazônicas e os capítulos são iniciados com excertos dos relatos dos viajantes e exploradores que colonizaram a região no primeiro ciclo da borracha, como Charles Marie de La Condamine.

O primeiro capítulo tem como pano de fundo a região de São Gabriel. O texto não diz, mas provavelmente, esse primeiro capítulo é ambientado no Pará, uma das regiões de exploração das seringueiras na floresta amazônica. O ambiente amazônico é descrito como um lugar cheio de mistérios, marcado por magia e segredos: “[...] as noites são tão ruidosas como se todos os duendes do continente americano se reunissem lá, em liberdade, para um alarido infernal: são gritos e chiados, estrídulos e silvos de flechas zunindo, lamentos e clamores [...]” (BAUM, 2022, p. 13).

Nesse contexto, os povos indígenas são apresentados como selvagens e infantes. Essa concepção do nativo reflete a concepção de viajantes, exploradores/colonizadores que por aqui chegaram: “[...] durante anos de trabalho solitário e árduo na sua missão, sem ninguém com quem pudesse trocar uma palavra, a não ser os selvagens estúpidos e

infantis [...]. Por que, Senhor?” (BAUM, 2022, p. 21). A descrição, tanto do espaço amazônico quanto dos nativos, faz valer as ideias de Gondim (2019), quando afirma que a Amazônia foi inventada pelos viajantes e exploradores que por aqui passaram: uma Amazônia marcada pela concepção de uma terra maravilhosa, habitada por seres mágicos e lugares misteriosos, que aparecem na descrição da floresta amazônica, assim como a ideia do nativo como incapaz, infantil e selvagem. Edward Said, Frantz Fanon, Albert Memmi e outros autores dos estudos pós-coloniais dizem que tais concepções servem como argumentos que utilizam a estratégia de inferiorização do outro (em todos os aspectos) para justificar a exploração e a dominação dos povos e das terras.

É importante lembrar que a obra em análise, enquanto romance, tem como elemento central a borracha e seus capítulos não seguem um enredo contínuo, ou seja, cada capítulo tem seu próprio enredo e personagens; contudo, a narrativa segue a cronologia da exploração da borracha, remetendo-nos a acontecimentos do primeiro ciclo da borracha, com a chegada dos missionários jesuítas e dos exploradores/colonizadores europeus, perpassando pela migração forçada de outros povos para a região, pelo contrabando das sementes para países europeus e a competição com a vulcanização da borracha, por Charles Goodyear, criando uma demanda internacional para o látex da Amazônia.

A narrativa termina com um enredo que se passa anos antes da segunda guerra mundial, com a personagem Ken discutindo com outros empresários as vantagens da borracha brasileira, os desafios do cultivo da seringa na Amazônia, em comparação a países orientais, a produção de borracha sintética e o transporte da borracha amazônica, que não mais acontecia de canoa, mas de avião:

A borracha parece exercer uma estranha fascinação sobre os homens. Em todas as épocas, homens de todas as raças e de todas as nações deixaram dominar por essa influência. Para aqueles que se deixam fascinar, a borracha passa a ser o centro, o fulcro, o eixo em torno do qual o mundo inteiro parece girar. É possível que parte dessa fascinação decorra do fato de ser esse látex uma coisa ainda nova, ainda inexplorada, rica de surpresas ainda, cheia de segredos- de que pouco se sabe a respeito e muito resta saber. Mas os homens dominados pela tentação dessa maravilhosa goma são assombrosamente oniscientes a respeito desse produto que é o centro do seu universo (BAUM, 2022, p. 622).

O excerto acima é revelador do quanto a borracha, elemento central do romance, figurava como um material de capital e, por ser parte da floresta, trazia segredos inexplorados pelos colonizadores. O maravilhamento produzido pelo látex fazia da borracha um produto dialético, pois causava o espanto, que atraía, e o fascínio, capaz de

matar aqueles que não conheciam a vivência da floresta; era motivo de alegria, pelas benesses que proporcionava e, ao mesmo tempo, de tristeza, por toda a desgraça, morte e miséria que trazia aos nativos e aos imigrantes explorados pelo desejo de lucro:

A borracha é uma coisa estranha: desperta nos homens seus piores defeitos. Transforma-os nos indivíduos ambiciosos, cruéis, loucos. Dizia-se naquele tempo que cada libra de borracha custava a vida de um homem. Em verdade, a borracha sacrificou tanta gente quanto os conflitos religiosos ou as lutas por um ideal ou pela liberdade. E as guerras pela posse das regiões produtoras de borracha ainda não terminaram (BAUM, 2022, p. 227).

Como elemento dialético na narrativa, a borracha é apresentada já na introdução da obra, na primeira edição brasileira, em 1946; essa perspectiva pode ser constatada no decorrer do romance, através do impacto que a borracha vai ocasionando às pessoas que viviam da extração da seringa e se deslocaram de suas terras para a Amazônia, no processo de colonização. Observamos que, enquanto a borracha atraía trabalhadores e era vista por eles como estranha e cruel, os colonizadores a compreendiam como elemento possuidor de segredos e maravilhas.

2 Evidências de colonização em *A árvore que chora*

Enquanto elemento central do romance, a borracha é reveladora do processo de colonização, assim como de suas estratégias de dominação e exploração, que não são diferentes no primeiro e no segundo ciclo apresentados na obra, mas vão se refinando nas formas de dominar, explorar e lucrar nos seringais.

A árvore que chora pode ser dividida em dois momentos: o primeiro compreende as tramas que se enlaçam no elemento borracha no contexto Amazônico e se apresentam nos capítulos de um a dez; o segundo momento diz respeito ao contrabando da borracha para a Europa e a tramas que envolvem a produção sintética do látex. Abordaremos aspectos colonizadoras na obra relacionados à primeira parte do romance.

Na primeira parte do romance, um dos aspectos colonizadores que merece destaque é a concepção do “outro”, do indígena como selvagem, incapaz e infantil. Isso pode ser identificado na primeira parte da narrativa, nas práticas do Pe. Anselmo, evidentes no primeiro capítulo, que trata da exploração da seringa no primeiro ciclo da borracha. Os missionários jesuítas chegaram à Amazônia e, com a cristianização, contribuíram para o processo de dominação, trazendo valores linguístico-culturais dos

europeus como o válido, o melhor e o civilizado, enquanto a outra cultura era inválida, os valores culturais não-europeus demonizados e aniquilados:

Conhecia os índios melhor do que muitos missionários, para não falar dos governadores, funcionários, soldados e colonos portugueses, que viviam nas poucas cidades das províncias, raramente subindo o rio em excursões. Tivera a oportunidade de ver os índios se entredevorando. Vira-os copular por toda parte, diante dos próprios filhos, pais e hóspedes, desavergonhados como animais. Assistira às suas festas e danças grosseiras, devassas e frenéticas, delirando no frenesi da embriaguez. Conhecia de perto a corrupção e a imundície das suas choças, sentira o fedor daquelas habitações[...] Sabia que eram traiçoeiros, falsos, preguiçosos e imundos, infiéis e fracos [...] Se a doença os atacava, voltavam para o seu deus demoníaco. Turujureari, e para o impassível e todo poderoso Tupã. E todo seu trabalho de anos se perdia mais uma vez [...] (BAUM, 2022, p. 19-20).

O trecho destacado demonstra a perspectiva do colonizador em relação aos nativos: canibais, selvagens, animais, imundos... É grande a lista das ‘qualidades’ que fazem dos nativos seres de profunda escassez diante do Europeu. Para Memmi (2021), uma das estratégias da colonização foi tornar o outro um ser de carências, justificando sua dependência do poder dominador do colonizador e de seus valores linguístico-culturais.

Em outro momento da narrativa, observamos a perspectiva colonizadora quando o Pe. Alberto se espanta que o indígena Manoel diz pensar:

-Você quer ser padre como eu, Manoel?
 -Não padre.
 -E por que não?
 -Porque não sou bom.
 -Mas você quer servir a Deus e à Sua Igreja?
 -Sim, padre.
 -Não gosta de ensinar a palavra de Deus e leva-la até o coração do gentio? [...]
 - Estou pensando, padre.
 Manuel estava pensando. Nunca se soube que um omágua, ou qualquer outra raça de índios da província do Amazonas fosse capaz de pensar. Sua própria língua não possui sequer a palavra *pensamento* nem o verbo *pensar*. (BAUM, 2022, p.21; 24)

Nesse trecho, temos claramente a visão da prática colonizadora de inferiorizar o outro e torná-lo um ser de carência, um ser “infanti” (GONDIM, 2019), pois não tinha competência humana de pensar e, por isso, ser considerado selvagem. Ora, essa visão engendrada pela colonização se aproxima daquilo que Fanon (2008) intitula como ‘a desfiguração do outro’, tornando-o um monstro, a ponto de aniquilar sua própria identidade. Nesse processo, o colonizado não mais se reconhece e passa a formar uma

outra identidade, aquela implantada pelo colonizador, com um outro nome, outros valores impostos como válidos e superiores. Isso é visível na mudança do nome da personagem indígena, nominado Manoel, não sendo considerada sua língua e sua cultura ou a busca de seu nome de origem.

Outra personagem que merece destaque é Hassam, que teve sua vida transformada pela borracha. Negro, malaio, trazido para o seringal, foi perdendo cada um de sua família; sua esposa foi morta e seu filho também morreu. Hassan ficou doente, não falava mais sua própria língua, perdeu os sonhos, o sentido de viver e a esperança de retornar para sua terra:

[...] Era outro homem, cheio de ódio e maldade [...]. Agora sentia-se acovardado. Jamais ouviu dizer que um homem pudesse chorar, por isso teve medo de que alguém o tivesse enfeitado. Sou Hassan, filho de “Singah”, da “dessa” de “Tamanketjil” – pensou ele. Mas essas palavras já haviam perdido o sentido. Ele se tornou estranho a si mesmo (BAUM, 2022, p. 233).

Assim como Hansam, outras personagens da narrativa manifestam o encanto e a esperança que a borracha trouxe no primeiro momento e, em seguida, as mazelas que ela provocava: doenças, separação das famílias, identidade colocada em cheque, morte. Essa perspectiva pode ser identificada no trecho a seguir:

[...] A borracha é uma coisa estranha: desperta nos homens os seus piores defeitos. Transforma-os em indivíduos ambiciosos, cruéis e loucos. Dizia-se naquele tempo que cada libra de borracha custava a vida de um homem. Em verdade, a borracha sacrificou tanta gente quanto os conflitos religiosos ou as lutas por um ideal ou pela liberdade. E as guerras pela posse das regiões produtoras de borracha ainda não terminaram (BAUM, 2022, p. 227).

A borracha conduzia os caminhos de vida e morte no seringal, determinava o poder opressor e a dominação do oprimido a ponto de se comparar o seringal com o inferno, pois tornava os trabalhadores seus prisioneiros, sem fornecer o necessário para sua sobrevivência e a própria demanda dos dominadores, gerando um ciclo de exploração de mão de obra e extração do látex, maior e mais cruel:

[...] E sua odisséia continua pela trilha sem fim, como um homem perdido na floresta. Sabe que está sendo enganado, explorado, mas não pode prová-lo. Não sabe ler nem escrever, e seus cálculos nunca concordam com os do patrão. Depois de algum tempo, a selva lhe consome todas as forças, todo o entusiasmo, aniquilando-o e vencendo-o, minando-lhe a saúde e o espírito. Desiste e aceita a vida tal como se apresenta, pouco se importando com o rumo

que possa tomar. É o único recurso que lhe resta: desinteressar-se de tudo. Deus é brasileiro (BAUM, 2022, p. 120).

A borracha é apresentada como responsável por todas as mazelas que os povos dos seringais sofriram; além disso, ela também é compreendida como a grande culpada pela obtenção do lucro que vai apenas para as mãos dos exploradores. Desse modo, a borracha revela o processo de colonização e as estratégias de dominação comuns aos dois ciclos de sua exploração apresentados na obra, além do refinamento dessas estratégias ao longo do tempo. Ademais, no decorrer do romance, identificamos vários momentos em que o sujeito amazônida é narrado de modo a reforçar a perspectiva colonizadora, como alguém que não tem perspectiva, consumido pelas estratégias de dominação, como na frase: “Deus é brasileiro” (BAUM, 2022, p. 120), fortalecendo a figuração de um povo dominado, submisso e subserviente ao domínio colonial.

Outra passagem estabelece relação com essa ideia de um sujeito depressivo, desanimado e sem energia, a partir de um elemento cultural do sujeito amazônico: a rede. Na narrativa, o costume de um povo é figurado pela associação do objeto rede a um comportamento de passividade frente à exploração do colonizador: “A rede significa indolência, quietude, ausência, indiferença completa: de que vale esforçar-se, lutar, querer, pensar? Tudo é inútil. A rede é niilista. Tem arruinado a vida do homem amazonense” (BAUM, 2022, p. 120).

Esse trecho evidencia a perspectiva eurocêntrica de sujeito e de valores impostos pela cultura dominante no processo de colonização. O uso da rede, por exemplo, assim como outros costumes, ao mesmo tempo que diferencia os povos amazônidas, os posiciona na condição de colonizados e, portanto, inferiores em relação aos valores europeus. A concepção negativa sobre o objeto rede é uma construção narrativa que nos remete às ideias de Fanon (2008), quando esse autor assegura que a desconstrução do outro, ao desvalorizá-lo, destituindo-o de seus valores e costumes, demanda a substituição pelos valores e costumes da cultura dominante, desfigurando a identidade desse sujeito.

Na obra analisada, fica evidente essa desfiguração do outro pelo colonizador, durante a exploração da borracha, em que o sujeito amazônida e outros sujeitos não europeus foram desconstruídos e inferiorizados em seus costumes e valores. O branco era considerado valoroso, inteligente, proativo; o negro tinha resistência física. Quando ocorreu a mestiçagem, esses valores foram passados, mas o nativo continuou na condição de “infanti”. O embranquecimento resolvia as ‘incompetências’ de um povo em razão de

uma etnia, como também o fazia evoluir moralmente, rumo a uma identidade próxima ao do europeu.

Nesse contexto, ao mostrar a chegada dos cearenses em Belém do Pará, a narrativa assim os caracteriza:

[...] Os cearenses são fortes e resistentes, os homens mais fortes e mais resistentes de todo Brasil. Consideram-se brancos apesar de correr-lhes nas veias o sangue de três raças- a branca, a vermelha e a negra; mas dessa mistura resultou a estirpe de homens valorosos e intrépidos, dotados de inteligência e de espírito de iniciativa, de humor e agilidade. Sendo mestiços, possuem fibra mais resistente do que qualquer raça pura, a vermelha ou a negra [...] (BAUM, 2022, p. 95-96).

Em *A árvore que chora*, Baum (2022) se refere aos cearenses como homens mestiços e utiliza o termo *apesar de*, indicando que em seu sangue corre a raça vermelha e preta, portanto carregam as características indicadas, na época, para o não-europeu. Essa noção de homem mestiço, que traz em sua herança sanguínea características do branco europeu, traz embutida a ideia de ‘racismo epistêmico’, que associa a inferioridade ou superioridade de uma raça a partir de características morais e físicas de um sujeito. Segundo Grosfoguel (2016),

A inferioridade epistêmica foi um argumento crucial, utilizado para proclamar uma inferioridade social biológica, abaixo da linha da humanidade. A ideia racista preponderante no século XVI era a de “falta de inteligência” dos negros, expressa no século XX como “os negros apresentam o mais baixo coeficiente de inteligência” (GROSFOGUEL, 2016, p. 40).

Essa forma de tratar o diferente não europeu constitui apenas uma entre tantas estratégias do processo de colonização que objetivam desconstruir a humanidade do sujeito diferente, assujeitando-o à dominação e à exploração.

Considerações finais

Os estudos pós-coloniais nos chamam a atenção para a colonização que continua nos dias atuais, através do eurocentrismo e da negação das diferenças, aniquilando a(s) identidade(s) que se diferenciam da cultura dominante; daí a urgência de reconhecermos contranarrativas que descolonizam essas atitudes. Segundo Mignolo (2007), é importante fortalecer e instrumentalizar epistemicamente os oprimidos. Nesse sentido, a desobediência pode ser uma ferramenta que alavanca a transformação do olhar e das ações em relação a si mesmo e ao outro, respeitando as epistemes, tornando possível o *buen vivir* (QUIJANO, 2014).

Na esteira de Mignolo (2007), consideramos a literatura como um espaço oportuno de vivência da decolonialidade/descolonização. Segundo o autor, por meio desse processo, a lógica da colonialidade é desmascarada, possibilitando ao subalterno uma posição epistêmica que assegura olhar e reconhecer sua interioridade, ou seja, pensar a partir de dentro das categorias não incluídas.

Este trabalho nos ajudou a olhar para a literatura de expressão amazônica como possibilidade de descolonização, pois, ao identificar os aspectos colonizadores no romance analisado, aprofundamos o conhecimento acerca das estratégias perversas de dominação e exploração da/na Amazônia.

O contexto sociocultural apresentado pela obra no seu mundo ficcional nos remete tanto ao primeiro quanto ao segundo ciclo da borracha, os quais manifestam as mesmas estratégias de exploração e dominação em relação aos nativos e migrantes que trabalhavam nos seringais.

Nesse período, a Amazônia atraía os exploradores com suas riquezas. A narrativa evidencia as relações de poder existentes entre nativos/migrantes e exploradores/dominadores da região amazônica. Considerando esse aspecto, a obra expressa claramente a relação colonizador/colonizado; contudo, não identificamos um contradiscurso à colonização.

Por outro lado, entendemos que, ao escancarar as relações de poder e as estratégias de dominação a partir do elemento borracha, Vicki Baum convida o leitor a olhar a “escassez” (MEMMI, 2021) que a colonização impunha aos colonizados, proporcionando uma experiência descolonizadora para o leitor de hoje frente à história da Amazônia, confirmando seu caráter denunciativo para a época em que foi publicado, já que expunha as estratégias de dominação, exploração e colonização, presentes nos seringais do Brasil.

Nessa perspectiva, ao transformar o olhar leitor em relação à Amazônia, observando-a não somente como local em que viviam pessoas inferiores, selvagens, que não sabiam usufruir de suas riquezas, mas um lugar em que as pessoas tinham outras culturas, valores e línguas, relacionando-se com a natureza de outra forma e que a colonização solapou seus costumes e valores culturais, podemos considerar que o romance analisado tem potencial para fomentar um contradiscurso à colonização amazônica.

Em *A árvore que chora*, a borracha engendra, de forma estratégica, as relações de poder entre explorador/explorador, europeu e não europeu, colonizado/colonizador, no

processo de colonização e exploração da Amazônia, inferioriza todos os que não são europeus, legitimando a escravidão, a exploração da mão de obra, a própria exploração da seringa e das terras, justificando toda atrocidade cometida tanto com a natureza quanto com as pessoas que viviam no seringal.

Nossa análise nos permite afirmar que a literatura constitui uma importante ferramenta, tanto na formação da consciência crítica quanto no reconhecimento da especificidade cultural da literatura amazônica. Além disso, a função dialética da borracha na narrativa nos possibilitou identificar as relações de poder existentes na narrativa, favorecendo o processo de descolonização do olhar em relação à Amazônia como também à literatura produzida nela e sobre ela; o romance nos proporcionou a problematização das relações de poder existentes na Amazônia, assim como a observação de especificidades culturais do seu povo. Tudo isso nos levou a confirmar que as lágrimas que escorrem e escorreram das seringueiras continuam a ser também o choro de todos os que têm e tiveram seus sonhos, vidas e destinos ceifados pelas práticas colonizadoras na Amazônia.

Referências

BAUM, Vicki. *A árvore que chora: o romance da borracha*. Trad. Othon M. Garcia. Manaus: Valer, 2021.

BAUM, Vicki. *A árvore que chora: o romance da borracha*. Trad. Othon M. Garcia. Rio de Janeiro: Globo, 1946.

DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. *Peles negras máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

GONDIN, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Valer, 2019.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. Vol. 31, N. 1, Jan./Abr. 2016, p. 25-49. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

HANLIN, Toddy Campbell. The transmission of Austrian Literature to America during the 1930s: best-sellers by Vicki Baum, Franz Werfel, and Stefan Zweig in English Translation. *Trans*, Sektion 1.11, N. 17, Feb., 2010. Disponível em: https://www.inst.at/trans/17Nr/1-11/1-11_hanlin17.htm. Acesso em: 25 jun. 2023.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MIGNOLO, Walter. A geopolítica do conhecimento. *Revista Lusófona de Educação*, N. 48, 2020, p. 187-224. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/reducacao/article/view/7324>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Gragoatá*, n. 22, 2007, p. 11-41. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251728/mod_resource/content/0/op%C3%A7%C3%A3o%20descolonial%20walter%20mignolo.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e a transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

QUIJANO, Aníbal. “Bien vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. In: QUIJANO, Anibal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.